

RESENHA de

Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador

Singer, André. 2012. São Paulo: Companhia das Letras.

Camila Rocha*

O período que abrange o final do primeiro governo Lula e sua reeleição em 2006 inaugurou uma nova fase na política brasileira, o “lulismo”. A combinação entre medidas que ao mesmo tempo beneficiavam os pobres e miseráveis, como transferências de renda via aumento do salário mínimo, aumento da oferta de crédito e programa bolsa-família, e o grande capital, manutenção de altas taxas de juros, câmbio flutuante, metas rígidas de inflação e de superávit primário, constituiu um movimento político inovador que, encabeçado pela principal ex-liderança sindical brasileira, rearranjou as forças políticas e ideológicas que vigiam até então. A adesão ao projeto lulista por parte daqueles que estão na base da pirâmide social permitiu que em 2010 fosse eleita presidenta do país uma técnica, filiada recentemente ao PT, até então praticamente desconhecida do grande público, Dilma Rousseff. Este é o argumento central desenvolvido pelo cientista político André Singer, professor do Departamento de Ciência Política da USP, em seu mais recente livro, “Os Sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador”, publicado em 2012 pela Companhia das Letras.

Além de professor da USP desde 1990, Singer também atuou como jornalista na Folha de São Paulo, na Editora Abril, e entre 2003 e 2007 foi porta-voz e secretário de imprensa da presidência da República. Segundo o próprio autor, foi apenas em meados de 2007, já afastado do governo federal, que deu início à pesquisa do tema. Assim, a origem de “Os Sentidos do Lulismo” remonta ao mês de dezembro de 2009 com a publicação do artigo “Raízes Sociais e Ideológicas do Lulismo” na Revista Novos

* Mestranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo. Email: camilarocha44@gmail.com.

Estudos do CEBRAP. Foi neste artigo que o autor anunciou o "lulismo", fenômeno crucial que se descortinava no cenário político brasileiro, mas que, até então, estaria passando praticamente ao largo das análises e discussões acadêmicas. Com base em uma análise refinada de dados eleitorais, o autor argumentou que haveria ocorrido no país um realinhamento eleitoral de longo prazo com a adesão ao projeto lulista da maior parte dos eleitores de baixíssima renda, os quais Singer classifica como 'subproletariado', que até então votavam em candidatos mais conservadores.

Porém, Singer vai além do que podem oferecer os dados eleitorais e argumenta que para compreender o que representa o lulismo de forma mais aprofundada seria necessário levar em consideração o impacto em termos ideológicos de tal fenômeno. Para o cientista político uspiano, a ideologia do subproletariado combina elementos de esquerda e direita, os primeiros seriam relativos a uma aspiração por maior igualdade, e os segundos à manutenção da ordem social e econômica¹. Se nas eleições presidenciais anteriores, 1989, 1994 e 1998, o subproletariado optou, em sua maioria, pelos candidatos que faziam oposição a Lula, e em 2002 não teria sido possível detectar qualquer tipo de padrão claro no que diz respeito à relação entre renda/classe e voto, na eleição de 2006 a opção teria sido claramente favorável à reeleição do ex-operário porque a ideologia do subproletariado, que combina elementos de esquerda e direita, teria sido contemplada pelo projeto político-ideológico que passou a ser promovido a partir do primeiro governo Lula em diante. Desse modo, inspirando-se no O 18 Brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx, Singer afirma que o lulismo teria se constituído em uma espécie de bonapartismo em que o subproletariado, fração da classe trabalhadora que não possui condições de se organizar enquanto classe por meio de sindicatos ou partidos, é conduzido por um líder, Lula, que arbitra os conflitos de classe colocando-se acima destes.

Menos de um ano após a publicação de "Raízes..." (2009), o autor escreveu um novo artigo, "A segunda alma do Partido dos Trabalhadores", que foi publicado em novembro de 2010 na mesma revista. O segundo artigo, cujo título foi inspirado

¹ A formulação de tal padrão ideológico que combinaria elementos de esquerda e direita, e que seria próprio do subproletariado, remete a um livro anterior de Singer, "Esquerda e direita no eleitorado Brasileiro" (2000), no qual, com base em *surveys*, o autor demonstra que ainda que possuíssem aspirações genéricas em relação a maiores níveis de igualdade, os setores de baixíssima renda seriam refratários a greves e manifestações.

explicitamente no livro “A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista”, do professor de ciência política da USP Gildo Marçal Brandão (1997), remete justamente à convivência de duas orientações ideológicas diversas que teriam passado a disputar espaço dentro do Partido dos Trabalhadores. Neste artigo Singer argumenta que teria sido a partir da reunião do diretório nacional do partido, realizada em julho de 2002 no Centro de Convenções Anhembi, que a segunda alma do PT, denominada pelo autor como “alma do Anhembi”, gestada durante a década de 1990, teria irrompido de forma definitiva e passado a disputar espaço no partido com a primeira alma, denominada como “alma do Sion” em referência ao colégio no qual a agremiação foi fundada em 1980. Enquanto a primeira alma se caracterizaria pela defesa de um partido de classe que promovesse uma ruptura radical com a ordem vigente, a segunda alma adotaria o pragmatismo eleitoral e incorporaria a defesa da estabilidade macroeconômica como valor a ser defendido a todo custo. Para Singer, o realinhamento eleitoral de 2006, com a popularização do eleitorado petista e o surgimento do lulismo, teria finalmente consolidado a alma do Anhembi como orientação ideológica dominante dentro do PT, porém, tal predomínio não teria suprimido por completo a alma do Sion, na medida em que o partido não reviu, ao contrário do que ocorreu com a social democracia alemã no século XX, a adesão ao socialismo e posturas radicais anteriores. Dessa maneira, as duas almas teriam passado a conviver lado a lado dentro do mesmo partido tentando ignorar-se mutuamente.

Por fim, em um terceiro texto, “O futuro do lulismo”, originalmente apresentado em um seminário da FGV-SP, e posteriormente publicado na Revista Piauí em outubro de 2010², André Singer apresenta o que seria o programa econômico do lulismo por meio de uma analogia com o *New Deal*, política econômica implementada pelo presidente estado-unidense Franklin Delano Roosevelt na década de 1930. Assim como Roosevelt, Lula teria promovido um novo pacto social entre as classes sociais no Brasil ao combinar políticas macroeconômicas ortodoxas de defesa da estabilidade monetária com outras heterodoxas de estímulo à expansão do mercado interno. Essa combinação de orientações díspares – cujo sucesso se revelaria na reação do governo

² Este texto foi escrito em um momento posterior a “A segunda alma...”, porém foi publicado dois meses antes.

à crise internacional de 2008-2009 – seria expressão da heterogeneidade das forças sociais representadas na coalizão governante. De um lado, estaria o capital financeiro, solidamente instalado no Banco Central e interessado na preservação das altas taxas de juros e da austeridade fiscal, de outro, trabalhadores e industriais, representados em outros setores do Estado, que preconizariam políticas de tipo desenvolvimentista de estímulo à produção e ao emprego. A arbitragem destes interesses conflitantes caberia ao próprio ex-presidente Lula, corroborando, assim, o caráter bonapartista do lulismo, apontado por Singer em "Raíces..." (2009).

Estes três artigos, intimamente relacionados, constituíram a base de um programa de pesquisa em sociologia política cujo objetivo seria desvendar a origem e os desdobramentos do lulismo, entendido como um divisor de águas de longo prazo na política brasileira. Enquanto o primeiro apresenta o surgimento do fenômeno, o segundo aborda seu impacto no Partido dos Trabalhadores, e o terceiro seu programa econômico. Juntos, os três textos forneceram a espinha dorsal da tese de livre-docência defendida por André Singer na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em setembro de 2011, a qual, revisada e ampliada, resultou no presente livro.

Além dos textos já mencionados, que se transformaram, respectivamente, no primeiro, segundo e terceiro capítulos do livro, "Os Sentidos do Lulismo" é composto por uma longa introdução, denominada "Alguns temas da questão setentrional", e por um quarto e último capítulo, "Será o lulismo um reformismo fraco?", no qual o autor procura esboçar algumas previsões sobre o futuro do lulismo. Ao final da obra é possível ainda ter acesso a um apêndice com gráfico e tabelas, e a um posfácio de caráter autobiográfico intitulado "No meio do caminho tinha uma pedra", por meio do qual, segundo palavras do autor, leitores curiosos podem ter acesso à gênese das ideias expostas no livro.

Os três capítulos pré-existentes foram aprofundados de modo a incorporar críticas e sugestões recebidas em diversos espaços de debate, porém, o terceiro capítulo, em particular, sofreu uma mudança mais substantiva no que diz respeito à analogia realizada entre a política econômica do lulismo e a do *New Deal* norte-americano, a qual foi razoavelmente amenizada, tendo em vista o patamar diferenciado de que partiam os dois países e, em virtude disso, a diferença no alcance

e na velocidade das reformas introduzidas. Singer afirma, com base em uma diferenciação entre duas conceituações de pobreza, a pobreza “monetária”, utilizada para definir a conhecida “linha da pobreza” estabelecida pelo Banco Mundial, e a pobreza como privação de capacidades básicas, utilizada pelo economista José Eli da Veiga, na linha proposta pelo economista indiano Amartya Sen, que no Brasil a pobreza monetária cai rapidamente mas a desigualdade segue um ritmo mais lento. Assim, em relação à analogia entre o lulismo e o *New Deal*, o autor argumenta que “a década 2011-20 pode ser para o Brasil aquela em que a totalidade dos cidadãos passe a usufruir de condição que os organismos internacionais consideram acima da pobreza (monetária) absoluta. Mas isso não constitui a superação da pobreza nos termos de Veiga-Sen nem o ingresso automático de toda a população na classe média, como ficou em voga dizer nos últimos anos. Pode representar que a quase metade da população que não dispunha de renda mínima até meados da década de 1990 passará a dispor de recursos suficientes para assegurar, ao menos, a alimentação. Não será o fim da pobreza, mas talvez seja o fim da pobreza monetária absoluta, aquela que impede a pessoa de sequer se alimentar. Poderá significar o ponto de partida para a vida 'decente' do *New Deal*, porém certamente não a chegada.” (p.133).

Ao contrário do que pode parecer, a argumentação realizada por Singer nos três artigos transformados em capítulos não se limita a constituir uma engenhosa análise da conjuntura econômica e política atual. Com base no título da introdução, “Alguns temas da questão setentrional”, o qual alude diretamente ao conhecido ensaio “Alguns Temas da Questão Meridional” do marxista italiano Antonio Gramsci, é possível ter uma ideia da ambição do livro: enquadrar o fenômeno do lulismo em um quadro histórico mais amplo da formação social brasileira, no qual ganha centralidade o conflito de classes. Para tanto, além de recorrer ao Gramsci da “Questão Meridional” e ao já mencionado Marx, de “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”, o autor também retoma toda uma tradição do pensamento político-social brasileiro – com autores como Caio Prado Jr. e Celso Furtado – e da sociologia política da USP, com destaque para Florestan Fernandes e, principalmente, Francisco C. Weffort. Nesse sentido, Singer se apoia no diagnóstico, formulado por autores como Francisco de Oliveira, em “Crítica à razão dualista” (2003), originalmente publicado como livro em 1973, de que

a formação social brasileira se caracterizaria por um desenvolvimento no qual modernidade e atraso se combinariam potencializando-se mutuamente. Assim, como assinala o crítico literário Roberto Schwarz em "Um seminário de Marx" (1999), as mudanças econômicas, sociais e políticas viriam sempre acompanhadas pela conservação, ou mesmo pelo reforço, das velhas estruturas de poder e dominação.

Uma das principais consequências de tal padrão de desenvolvimento capitalista seria a existência de uma massa de trabalhadores, marginalizados do mercado de trabalho formal, cuja remuneração estaria abaixo dos níveis de reprodução da força de trabalho. Esse contingente, que abrangeria uma grande parcela da população brasileira, foi caracterizado por Singer como subproletariado com base em trabalhos do economista Paul Singer realizados entre os anos 1970 e 1980. Assim, o subproletariado seria, em termos marxianos, uma "sobrepopulação relativa", isto é, um contingente populacional excedente gerado pelo próprio capitalismo. Porém, nas condições do subdesenvolvimento brasileiro, essa sobrepopulação seria também "superempobrecida" e "permanente". Tais condicionantes impediriam que essa fração de classe pudesse se organizar autonomamente em sindicatos ou partidos, ao contrário do que ocorreria com o operariado mais qualificado e formalizado. Desses constrangimentos estruturais à organização sindical resultaria um comportamento político tendencialmente passivo e inclinações conservadoras por parte dos subproletários, reforçando, assim, as relações de dominação vigentes. De acordo com Singer, a maior parte do subproletariado se concentraria, tradicionalmente, no interior do Nordeste – daí a referência a "questão setentrional" –, região que seria marcada, justamente, pela política oligárquica e conservadora.

A novidade do lulismo estaria em incorporar o subproletariado ao mercado interno por meio da já citada combinação de políticas de transferência de renda, aumento do salário mínimo e expansão do crédito. Tal processo de incorporação teria permitido aos governos Lula alterar as relações de força na política brasileira, desfazendo o bloco conservador que sustentava a direita tradicional e conquistando para o PT, pela primeira vez, a adesão do subproletariado. Porém tal rearranjo histórico teria sido feito à custa do abandono do programa radical e anti-capitalista que havia caracterizado o PT desde sua origem, o qual preconizava uma mudança de baixo para cima da sociedade. Dessa forma, a fórmula de "mudança dentro da ordem"

adotada pelo projeto lulista retomaria, segundo Singer, a tradição conciliatória do populismo varguista, que teria marcado a política brasileira entre 1930 e 1964, a qual sempre fora rejeitada pelo petismo, tornando, assim, o PT “mais Brasil”.

Tal combinação conciliatória entre progresso e conservação teria diluído a polarização entre esquerda e direita que marcaria a política brasileira desde a redemocratização, substituindo-a por uma forte polarização entre “ricos”, anti-lulistas, e “pobres”, lulistas, sendo que tal tendência teria se fortalecido com o afastamento de parte considerável das classes médias do PT após o escândalo do chamado “mensalão”. Para Singer tal polarização entre lulismo e anti-lulismo, ainda que possa ensejar algum grau de conflitividade social, acaba se expressando politicamente principalmente no momento das eleições, mas depois se torna esmaecida, daí a caracterização do lulismo como um “reformismo fraco”, em oposição ao “reformismo forte”, o qual seria a marca da “primeira alma” do PT. Tal “reformismo fraco” promoveria uma lenta, porém contínua, redução da histórica desigualdade brasileira, evitando o conflito com as frações da classe dominante que resultaria de um reformismo “forte”. Daí o subtítulo da obra: “reforma gradual e pacto conservador”. Se, por um lado, esse movimento contraditório frustra as expectativas da esquerda de uma transformação radical da sociedade brasileira, por outro, abriria também novas perspectivas com a incorporação ao proletariado de grandes parcelas do subproletariado, as quais ganhariam novas possibilidades de se organizar e demandar direitos com base no aumento do salário mínimo e do aumento de empregos com carteira assinada.

Tais argumentos vêm dando ensejo a uma série de debates que têm movimentado os estudos sobre política brasileira. Uma primeira controvérsia, mais concernente aos cientistas políticos, diz respeito ao já mencionado “realinhamento eleitoral”, conceito buscado por Singer na literatura estado-unidense sobre comportamento eleitoral. Para o professor de ciência política da USP Fernando Limongi, o qual se posicionou tanto em um seminário no CEBRAP, como na banca de livre-docência de Singer, não existiriam dados empíricos suficientes para corroborar a tese do realinhamento, ao que Singer respondeu que os dados empíricos em ciências sociais nunca confirmam ou sustentam definitivamente uma hipótese, mas sim servem

como pistas para sua plausibilidade. Para ele, os padrões de votação observados em 2006 e 2010 seriam fortes indícios da ocorrência no Brasil de um fenômeno de realinhamento, como aquele que teria ocorrido nos Estados Unidos a partir da eleição de Roosevelt em 1932.

Outro debate circunscrito ao campo do comportamento eleitoral diz respeito à relação entre voto, classe e ideologia. Na realidade, essa discussão antecede este último livro de Singer, datando de sua obra anterior, "Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro" (2000). Para o cientista político mineiro Fábio Wanderley Reis, Singer estaria equivocado ao tentar identificar padrões ideológicos que organizariam o eleitorado do país e que estariam vinculadas a diferentes posições sociais. Para ele, a maior parte de nosso eleitorado teria uma vaga identificação superficial, e independente de padrões ideológicos razoavelmente definidos, com os candidatos que conseguissem se apresentar como "do povo" ou "dos pobres", hipótese que ficou conhecida como "síndrome do flamengo". Já para Singer, mesmo que a maior parte dos eleitores tenha dificuldade de definir o que seriam "esquerda" e "direita", estes votariam, intuitivamente, de acordo com estas orientações ideológicas. Embora anteceda "Os sentidos do lulismo", esse debate é importante, pois Singer caracteriza a singularidade da ideologia predominante entre o subproletariado como combinando elementos de esquerda e de direita, reiterando assim a importância do conceito de ideologia para os estudos eleitorais.

Contudo, o debate principal acerca do sentido político do lulismo é travado com o sociólogo Francisco de Oliveira. Em grande medida, a argumentação desenvolvida por André Singer procura dar uma resposta aos posicionamentos de Oliveira expostos em "O Ornitorrinco" (2003), e, em especial, em "Hegemonia às Avessas" (2010). Nestes ensaios, Oliveira caracteriza a burocracia sindical petista como uma "nova classe" que, ao se converter em gestora dos fundos de pensão, contribui para a reprodução da hegemonia do capital financeiro. Esse mecanismo explicaria porque, embora a direção política do Estado estivesse a cargo de representantes das camadas subalternas, a dominação capitalista nunca teria estado tão segura, uma vez que justamente aqueles que deveriam se opor ao capital financeiro estariam reforçando sua livre atuação. Tal situação resultaria, no limite, no que Oliveira

denomina como o fim da política, na medida em que os conflitos entre capital e trabalho que lhe conferem sentido estariam cancelados.

Enquanto o sociólogo pernambucano aborda apenas o lado conservador do lulismo, Singer procura apontar seu caráter intrinsecamente contraditório: “o lulismo existe sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e mudança num mesmo movimento” (p.9). Assim, se o governo Lula preservou os compromissos com o capital financeiro, suas políticas de inclusão social teriam diminuído as desigualdades sociais. Se a inclusão do subproletariado no mercado interno estimula o capitalismo brasileiro, o acesso de milhões de brasileiros ao emprego formal e a direitos sociais abriria a perspectiva de novos enfrentamentos de classe.

Um desdobramento importante desta polêmica diz respeito à conceituação de subproletariado, categoria fundamental para o argumento de Singer. Em seu trabalho mais recente, “A Política do Precariado: do populismo à hegemonia lulista” (2012), o sociólogo Ruy Braga, também professor da USP, contesta a separação promovida por Singer entre um proletariado “formal” e um subproletariado “informal”. Para Braga, a precariedade seria a condição predominante na classe operária de países como o Brasil, que se industrializaram sob o “fordismo periférico”, daí a denominação de “precariado” proposta pelo autor para caracterizar a classe operária brasileira. Além disso, Braga também questiona a suposta tendência a “passividade” e ao “conservadorismo” dessa camada social ao afirmar que existiria, ao contrário, um sentimento importante de “inquietação operária” entre estes trabalhadores, tendo em vista sua presença crucial em todos os movimentos grevistas importantes desde o assim chamado “período populista”. Tal argumento poderia ser confirmado inclusive no que diz respeito à atuação do precariado, justamente durante a vigência do lulismo, com base no aumento da atividade grevista entre várias categorias, entre as quais, os operadores de *telemarketing* e os operários da construção civil que trabalham nas grandes obras do PAC, setores bastante representativos daquilo que Braga compreende como precariado. Diferentemente do que propõe Singer, isto é, de que o subproletariado estaria começando a formar um novo proletariado, Braga afirma que tais indivíduos continuam a fazer parte do precariado e que, justamente por isso,

recorrem a manifestações e greves, dando vazão, assim, ao já referido sentimento de inquietação operária. Assim, mesmo em tempos de lulismo, seria a "inquietação operária" que faria parte do cotidiano do precariado e não a passividade e o conservadorismo.

As variadas polêmicas nas quais André Singer tem se envolvido mostram as potencialidades de seu trabalho. Além disso, é possível destacar alguns avanços importantes de "Os Sentidos do Lulismo" no âmbito das ciências sociais brasileiras, como a utilização do marxismo como método de análise da realidade contemporânea, o resgate do programa de pesquisa da sociologia política, em particular sua vertente uspiana, e a revalorização da forma ensaística e da tradição do pensamento social brasileiro. "Os sentidos..." pode ser compreendido como um legítimo ensaio histórico-sociológico que aborda de modo criativos problemas cruciais do Brasil de hoje, o que o aproxima da proposta formulada por Gildo Marçal Brandão, exposta em "Linhagens do Pensamento Político-Social Brasileiro" (2007), de que o pensamento político-social brasileiro continua a interpelar as ciências sociais na reflexão sobre os dilemas do presente.

Outra virtude da obra é a volta das classes sociais como categoria-chave de análise para a sociologia política. Em artigo publicado em 2005 na revista Lua Nova, Brasília Sallum Jr. Aponta um declínio do uso da concepção teórica marxista que vincula classe e política na literatura sociológica. No caso da Ciência Política tal declínio parece ser ainda mais radical tendo em vista a predominância do "individualismo metodológico" e a disjunção entre as esferas institucionais e a esfera social, realizada na maior parte dos estudos acadêmicos produzidos na área. Neste cenário, a contribuição da presente obra, ao valorizar as classes sociais como atores políticos centrais, é bastante oportuna para pensar a política brasileira de forma mais abrangente e crítica. Porém, André Singer não compartilha de uma visão determinista da política, ao contrário, afirma que esta continua a ser um campo de possibilidades, afastando-se, desse modo, da interpretação mais pessimista de Francisco de Oliveira relacionada à ideia já mencionada acerca do "fim da política".

Apesar dos inegáveis ganhos, o livro não deixa de estar sujeito a outras críticas além das já expostas acima, uma das quais se relaciona à adesão a chamada "teoria do populismo" de Francisco C. Weffort para pensar o período entre 1930-1964, a qual cria

algumas dificuldades para interpretar a história brasileira do ponto de vista das camadas subalternas. Na argumentação desenvolvida por Singer, retornam, ainda que indiretamente, as imagens de trabalhadores submetidos ao Estado e às lideranças “populistas”, de modo que, ao retomar Weffort, o autor parece pensar a história brasileira como um “desvio” do caminho da construção de uma classe trabalhadora “auto-organizada” atuando em uma sociedade civil autônoma em relação ao Estado, modelo este decalcado do que supostamente seria o desenvolvimento dos países da Europa Ocidental do segundo pós-guerra. Como aponta Daniel Aarão Reis, em “O Colapso do Colapso do Populismo: a propósito de uma herança maldita” (2001), a “teoria do populismo”, tanto na versão de Weffort, quanto na de Octávio Ianni, acaba por apagar a história de lutas dos comunistas e trabalhistas no período pré-64, fazendo crer que a organização “autêntica” dos trabalhadores teria começado apenas a partir das greves do final da década de 1970. Tal crítica à ideia de que uma organização “autêntica” dos trabalhadores teria tido lugar apenas com o movimento que deu origem ao Partido dos Trabalhadores, o qual, segundo Singer, incluiria o “proletariado” mas não o “sub-proletariado”, também é corroborada por Ruy Braga quando este argumenta acerca da inquietação operária do precariado.

De qualquer modo, seja por suas possíveis virtudes ou problemas, “Os Sentidos do Lulismo” tem tido o mérito de abrir novas questões, debates e caminhos de pesquisa para os cientistas políticos e sociólogos interessados em desvendar os desafios da realidade brasileira contemporânea. Isto se deve também, além das qualidades já aludidas, a outra singularidade de “Os sentidos...”, a união entre rigor acadêmico e engajamento político por parte do autor. Como resultado, as ideias ali expostas têm marcado de forma importante o debate público no país, haja visto sua repercussão em meios extra-acadêmicos. As obras mais impactantes das ciências sociais, historicamente, foram justamente aquelas que, para além de diagnosticar, tomaram posição diante dos dilemas de seu tempo, portanto, é possível dizer que “Os Sentidos do Lulismo” caminha na direção de se tornar uma referência obrigatória para as futuras gerações de cientistas sociais de nosso país que quiserem compreender o tempo presente.

Referências bibliográficas

- Braga, Ruy. 2012.** *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo : Boitempo.
- Brandão, Gildo Marçal. 1997.** *A esquerda positiva. As duas almas do partido comunista, 1920/1964*. São Paulo : Hucitec.
- Brandão, Gildo Marçal. 2007.** *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo : Hucitec.
- Oliveira, Francisco de. 2003.** *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco*. São Paulo : Boitempo, 200.
- Oliveira, Francisco de, Braga, Ruy e Rizek, Cibele. (orgs.). 2010.** *Hegemonia às avessas. Economia, política e cultura na era da servidão financeira*. São Paulo : Boitempo.
- Sallum Jr., Brasília. 2005.** "Classes, cultura e ação coletiva". *Lua Nova*, n.65, pp. 11-42.
- Schwarz, Roberto. 1999.** *Sequências Brasileiras*. São Paulo : Companhia das Letras.
- Singer, André. 2000.** *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro*. São Paulo : Edusp.
- Singer, André. 2009.** "Raízes sociais e ideológicas do lulismo". *Novos Estudos – CEBRAP*, n.85, pp.83-102.
- Singer, André. 2010.** "A segunda alma do partido dos trabalhadores". *Novos Estudos – CEBRAP*, n.88, pp.89-111.
- Singer, André. 2010.** "O lulismo e seu futuro". *Revista Piauí*. n.49, outubro de 2010.
- Reis Filho, Daniel Aarão. 2001.** "O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita" In Ferreira, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Reis, Fábio Wanderley. 2000.** *Mercado e utopia: teoria política e sociedade brasileira*. São Paulo : Edusp.
- Weffort, Francisco. 1978.** *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro : Paz e Terra.